

IMAGENS E CONCEITOS DA MORTE E A ESPERANÇA DA IMORTALIDADE

Nélio Schneider^{1*}

Se vivemos, vivemos para o Senhor;
e se morremos, morremos para o Senhor.
Assim, quer vivamos, quer morramos,
pertencemos ao Senhor.
Paulo (Romanos 14.8)

I. INTRODUÇÃO

O objetivo da reflexão e da fala sobre o tema “morte” geralmente não poderá ser a singela satisfação de uma curiosidade não científica ou até científica. Por que não? Simples: em virtude do nosso envolvimento existencial no tema. É um tema que sempre nos atinge indiretamente e algum dia o fará diretamente, de forma inevitável e, em vista do estado atual do conhecimento e da capacidade humanas, irreversível. Por isso, é comum que o tema cause susto ou, ao menos, mexa com os sentimentos e nervos dos que se envolvem com ele.

Por isso mesmo, mas também para proporcionar a oportunidade de chegar a uma postura mais tranqüila, consciente e responsável em relação à vida, é aconselhável prevenir a tendência de evitar o tema “morte” e passar a encará-lo como um tema da vida normal, do cotidiano, e não só isso: é preciso que, para sua própria felicidade, o ser humano se reconcilie com sua condição mortal e reaprenda a viver como tal.

Uma das maneiras de fazer isso é tornando conscientes para nós as imagens culturais inconscientes que nos acompanham e espreitam nossos passos desde o nascimento. Geralmente tememos o que não conhecemos, exatamente quando temos certeza de que nos atingirá em nossa existência. Mas é sempre melhor temer, caso isso se torne necessário, algo que se

^{1*} Nélio Schneider (Dr.) foi por muitos anos Diretor do IEPG e professor da Escola Superior de Teologia - EST (São Leopoldo/RS), é conferencista e tradutor de livros nas áreas de filosofia e teologia.

conhece bem do que temer algo que não se conhece. Isso quer dizer que nossa intervenção será no sentido de desmitificar a morte, tirando dela sua aura tabuizada. “Desde a mais tenra idade precisamos nos educar para esclarecer a morte. O ser humano que não se educa para a morte não conseguirá jamais adquirir paz de espírito. Pois morremos todos e, pelo que sabemos, a morte poderá chegar hoje mesmo. (...) Se vivermos aterrorizados pela morte, como poderemos manter o espírito sadio?” (Jean Ziegler). O medo não é um bom conselheiro nem um bom companheiro para nada, muito menos para um tema tão vital e delicado quanto o da morte. Melhor companheiro do que o medo é o humor, mas por causa do medo, normalmente ele se transforma em humor negro. Então, busquemos a companhia do bom-senso que se manifesta na reflexão ajuizada e ponderada. “Conhecendo melhor a morte, o ser humano não se orientará mais a dela fugir ou ocultar-se; talvez ele aprecie mais a vida; talvez ele a respeite mais” (L.-V. Thomas).

Tiremos da morte o efeito paralisante e limitante de espada de Dâmocles suspensa sobre nossa cabeça e reintegremos esse tema na vida cotidiana, como uma questão a ser discutida séria e profundamente, mas também com a devida tranquilidade, na postura de quem não tem nada a perder além da vida. Assim como se fala do tempo, de dinheiro, de sexo, de doença, fale-se da morte e do morrer. Isso é tanto mais possível porque, como diz a citação de abertura, nunca chegaremos a viver conscientemente a experiência da morte, ou seja, quando ela acontecer realmente, eu já estarei ausente. Ela substitui a minha presença na vida. Mesmo que não seja inteiramente verdadeira, a seguinte sentença de Epicuro tem a intenção de nos transmitir uma postura de relativa tranquilidade diante do fato: “Acostuma-te à idéia de que a morte para nós é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte justamente é a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (...) O mais terrível de todos os males não significa nada para nós, justamente porque, quando nós estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que já não estamos (...) Deve-se ter o mesmo cuidado em viver bem que em morrer bem” (*Carta a Meneceu*, p. 30s.). É claro que a morte significa algo para nós: a consciência da “presença ausente” dela nos ensina a viver melhor. A morte que nos tira a vida, não precisa necessariamente nos tirar a alegria de viver.

II. BALIZAMENTO DO TEMA

A reflexão sobre a morte constitui, na verdade, em *uma reflexão sobre a vida*. Como aproximação ao tema, sejam consideradas as seguintes proposições:

- Não há morte sem vida, porque o sujeito necessário da morte é a vida. A primeira afirmação sobre o tema não é a de que não há vida sem morte, mas a de que não há morte sem vida. A vida é o fato precípua, original, a morte o acontecimento decorrente, que desconstitui. Não é a morte que vive, mas a vida que morre. A vida constitui o sujeito da morte e não o contrário.
- Em vista disso, é necessário afirmar também que a morte faz parte da vida e não o contrário. Assim como a vida é a realidade possibilitadora da morte, assim também é ela que integra em si mesma essa potencialidade. Falamos, portanto, da morte a partir da vida e inserida na vida; não falamos da vida a partir da morte nem inserida na morte. O todo maior é a vida, da qual a morte faz parte ou se torna um momento (des)constituente.
- Por se tratar de uma parte ou de um momento da vida, a qualidade do morrer será decorrência da qualidade do viver. Assim como se pode viver mal, também se pode morrer mal. Em contrapartida, tendo, como temos, a possibilidade e a capacidade de viver bem, conseqüentemente temos também a possibilidade e a capacidade de morrer bem. Assim, morrer bem é conseqüência de viver bem.
- Não conseguir viver bem, não conseguir viver como se gostaria, não conseguir ser feliz, é fato mais grave para a vida do que o próprio fato da morte, e geralmente é uma das causas do medo de morrer, da aflição diante da possibilidade inevitável e irremediável da morte. O que preocupa, na verdade, não é a morte, mas chegar até ela sem ter vivido como se desejou. O medo de morrer é, antes e acima de tudo, medo de viver, o temor que, por um sem-número de razões, foi infligido pelas situações desagradáveis, imponderáveis, desestruturadoras, da vida. Por outro lado, também o agarrar-se à vida percebida como boa e agradável não decorre tanto da angústia pela morte em si quanto da sensação de não poder coadunar com o bem essa questão posta pela vida mesma; decorre da tentativa de mutilar a vida, cortando dela uma realidade que lhe é inerente, a morte. A inconformidade tanto com a dor da vida quanto com a essência tensiva da vida gera o medo de viver, sublimado como medo de morrer.
- Portanto, nossa tranquilidade diante da morte depende do reconhecimento de que amar a vida significa amar a vida *mortal*, a única que existe de fato. A vida sem morte, a imortalidade, constitui uma idealização, uma utopia,

uma esperança, um ato de fé, que só faz sentido em vista da vida como realidade que inclui a morte.

- A reflexão sobre a morte precisa ocorrer na seguinte chave de leitura do fenômeno: ao refletir sobre a morte, refletimos sobre algo que não tem existência própria autônoma; estaremos meditando sobre idéias, imagens preconcebidas, conceitos que nos foram transmitidos desde o berço pela sociedade e pela cultura. Minha reflexão sobre a morte, por motivos óbvios, jamais terá o grau desejável de embasamento empírico para permitir conclusões cientificamente objetivas. Ela será, então, necessariamente uma reflexão sobre o que se *pensa sobre* a morte e nunca sobre o que a morte de fato é.

- Para refletir sobre a morte, especialmente a minha morte, dependo da morte dos outros. Jamais poderei falar da minha morte por experiência própria. Minhas reflexões terão por base necessariamente o fato real da morte dos demais. Por tabela, estarei refletindo sobre a minha morte. Falar da morte dos outros é falar da minha. É preciso ter consciência disso. Muitos gostam de falar da morte alheia, assim como gostam de falar da vida alheia. Poucas vezes, dão-se conta de que, em ambas as ocasiões, estão falando de si mesmas, da sua própria morte e da sua própria vida. Outras vezes, mesmo que se dêem conta, não admitem ser colocados na “vala comum” dos mortais. Deparamo-nos com uma tendência inconsciente de reprimir o assunto “minha morte”.

- Positivamente, contemplar a morte dos outros é contemplar a experiência que um dia farei, mas que jamais terei oportunidade de avaliar posteriormente. É a experiência definitiva que anula a possibilidade de qualquer experiência ou avaliação posteriores (ao menos nos moldes a que estamos acostumados e que nos são possíveis). Nada aprenderei para a minha vida com a experiência da minha morte. Nunca poderei falar da minha morte como experiência vivida; posso falar dela somente como imagem que me acompanhou em vida. Essa imagem me foi legada como reflexão sobre a morte de outros.

- Deduzimos disso um procedimento para considerar o tema “morte”, retirando dele, em certa medida, o caráter de trauma e de tabu, mas conferindo-lhe, diferentemente de Epicuro, a relevância devida: elaborar uma tipologia das imagens e conceitos da morte, tornando-as conscientes. As imagens que nos acompanham na vida podem tanto nos ajudar, quanto nos atrapalhar no nosso viver. Se elas permanecerem inconscientes, não teremos condições de eleger as que mais favorecem o bem-viver, nem de contrapor elementos novos àqueles que nos tiram a alegria de viver.

III. TIPOLOGIA DAS IMAGENS E DOS CONCEITOS DA MORTE

A tipologia em questão não assume, neste momento inicial, um cunho científico, mas baseia-se na observação empírica mais ou menos aleatória. Como se fala da morte no cotidiano? Quais são as imagens e conceitos da morte que estão na boca e na cabeça do povo? As concepções referidas abaixo foram anotadas como resultado de diálogos ocasionais e informais (não se tratou de entrevistas propositais e programadas sobre o assunto) com as mais diferentes pessoas, em locais muito diferentes, na maior parte do Rio Grande do Sul (por isso, o caráter empírico e aleatório, mas a meu ver revelador de conceitos e imagens sempre presentes no imaginário das pessoas).

Uma introdução à altura do tema, com incrível riqueza de detalhes, é proporcionada pelos sinônimos apresentados pelos dicionários para o vocábulo “morrer”. O dicionário *Houaiss*, por exemplo, apresenta a seguinte lista: abotoar, acabar, apagar, apitar, bafuntar, campar-se, defuntar, desaparecer, descansar, desencarnar, desviver, embarcar, empacotar, esperecer, espichar, esticar, estuporar-se, expirar, falecer, faltar, fenecer, finar-se, ir-se, passar, perecer, pifar, sucumbir; abotoar o paletó, adormecer no Senhor, assentar o cabelo, bater a alcatra na terra ingrata, bater a bota, bater a caçoleta, bater a canastra, bater a pacuera, bater as botas, bater com a cola na cerca, bater o pacau, bater o prego, bater o trinta-e-um, botar o bloco na rua, comer capim pela raiz, dar a alma a Deus, dar a alma ao Criador, dar à casca, dar à espinha, dar a louca, dar a ossada, dar com o rabo na cerca, dar o couro às varas, dar o último alento, dar o último suspiro, descer à cova, descer à terra, descer ao túmulo, desinfetar o beco, desocupar o beco, dizer adeus ao mundo, embarcar deste mundo para um melhor, entregar a alma (ao Criador ou a Deus ou ao Diabo), entregar a rapadura, espichar a canela, esticar a canela, esticar o cambito, esticar o pernil, ir(-se) desta para a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, ir para a Cacuia (ou Cucuia), ir para bom lugar, ir para o Acre, ir para o andar de cima, ir para o beleléu, ir para o outro mundo, largar a casca, passar desta para melhor (vida), pitar macaia, quebrar a tira, render a alma ao Criador, render o espírito, vestir o paletó de madeira, vestir o pijama de madeira, virar presunto. O *Aurélio* não fica para trás, coincidindo apenas em parte: perder a vida; exalar o último suspiro; falecer, finar-se, expirar, fazer ablativo de viagem, perecer; abotoar, abotoar o paletó, adormecer

no Senhor, apagar, apitar, assentar o cabelo, bafuntar, bater a alcatra na terra ingrata, bater a(s) bota(s), bater a caçoleta, bater a canastra, bater a pacuera, bater com a cola na cerca, bater o pacau, bater o prego, bater o trinta-e-um, bater o trinta-e-um-de-roda, botar o bloco na rua, comer capim pela raiz, dar a alma a Deus, dar a alma ao Criador, dar à casca, dar à espinha, dar a lonca, dar a ossada, dar com o rabo na cerca, dar o couro às varas, dar o último alento, defuntar, desaparecer, descansar, descer à cova, descer à terra, descer ao túmulo, desencarnar, desinfetar o beco, desocupar o beco, desviver, dizer adeus ao mundo, embarcar, embarcar deste mundo para um melhor, empacotar, entregar a alma a Deus, entregar a alma ao Diabo, entregar a rapadura, espichar, espichar a canela, esticar, esticar a canela, esticar o cambito, esticar o pernil, estuporar(-se), expirar, fazer ablativo de partida, fazer ablativo de viagem, fazer passagem, fechar o paletó, fechar os olhos, fenecer, finar(-se), fincar as aspas no inferno, ir para a Cucuia, ir para a cidade dos pés juntos, ir para a Cucuia, ir para bom lugar, ir para o Acre, ir para o beleléu, ir para o outro mundo, ir(-se), ir(-se) desta para melhor, largar a casca, passar, passar desta para melhor, passar desta para melhor vida, pifar, pitar macaia, quebrar a tira, render a alma ao Criador, render o espírito, vestir o paletó de madeira, vestir o pijama de madeira, virar presunto. Mas isso não é tudo: o dicionário Aurélio apresenta lista semelhante, com uma série de diferenças e conceitos a mais. Um procedimento possível de análise seria examinar, um por um, esses conceitos e concluir a partir deles, pela semântica e etimologia, um sem-número de idéias para tratar o tema em pauta. No entanto, preferimos apresentar esses conceitos apenas como estímulo à curiosidade e ater-nos a algumas concepções mais elaboradas.

As imagens da morte sucintamente apresentadas a seguir são apenas as mais representativas e observa-se uma certa sobreposição de idéias nos sujeitos que as portam, ou seja, uma não exclui necessariamente a outra, em especial quando se trata de concepções afins. As diferentes designações são isoladas apenas para fins de clareza terminológica:

1. A morte como inimiga da vida, da pessoa

A concepção da morte como inimiga tem inspiração bíblica. Segundo Paulo, “o último inimigo a ser destruído” por Deus “é a morte” (1Coríntios 15.26). Essa idéia provém da antiga mitologia do conflito perene entre dois princípios antagônicos. Trata-se de um inimigo poderoso que, na prática, sempre acaba vitorioso, por mais que se faça. Essa idéia gera insegurança e temor perante a vida. O cristianismo acabou se valendo

dessa idéia para chantagear e aterrorizar as consciências em vista das possíveis conseqüências da vitória da morte, como inferno, punição eterna, diabo, etc. O evangelho paulino justamente prega a libertação do medo da morte, pois, na verdade, pela ressurreição de Cristo, esse inimigo maior já foi destruído, já não existe. Só que, em termos práticos, o cristianismo até hoje tem sido incapaz de transmitir essa idéia libertadora às pessoas do seu tempo, talvez por estar, ele próprio, por demais imbuído do medo por ele próprio alimentado em tempos idos em relação a esse poderoso inimigo que ele poderia crer como inexistente. O feitiço virou contra o feiticeiro.

2. A morte como ente personificado

De mãos dadas com a idéia anterior vem a imagem personificada da morte, fazendo jus à mitologia antiga que empresta um colorido aterrador ao inimigo maior. A título de exemplo, menciono a figura clássica do esqueleto com capa preta e capuz, portando na mão uma ampuheta e uma gadanha, que sai pelo mundo a ceifar vidas no prazo determinado pela fatalidade; a morte pode ser também um fantasma que assombra a pessoa durante toda a sua vida, especialmente à noite quando fica escuro; pode adquirir a feição de um carrasco empunhando seu instrumento de execução, qual espada de Dâmocles suspensa sobre a cabeça do vivente, e assim por diante. Em todos esses casos, o encontro com a morte é visto como confronto definitivo, em que nenhuma negociação é possível. Trata-se de um encontro fatal que, por isso, deve ser temido e evitado de qualquer jeito.

3. A morte como fim natural da vida

Essa concepção já procede de uma visão mais naturalista e biológica da vida, em que esta é considerada em suas diversas fases (nascimento, crescimento, fase madura, envelhecimento e morte); a morte constitui um momento de todo ser vivo, a saber, o seu último momento, em que se desconstitui a vida. Essa visão favorece uma postura de tranqüilidade frente a um processo vital natural; na prática, porém, essa imagem nunca vem desacompanhada de valorações morais e éticas que lhe imbuem o componente do temor e da insegurança.

4. A morte como lei física universal

Essa visão tem certa afinidade com a anterior: a morte é um elemento constituinte do processo do devir e do fenecer, característica de toda realidade cósmica. Como parte da substância universal, estamos sujeitos à mesma lei física do “nada se perde, tudo se transforma”, de modo

que a morte nada mais é que a passagem de um estado a outro da matéria. Também essa idéia favorece uma postura tranqüila perante a morte, caso ela não venha a ser onerada com a notória inconformidade do ser humano: “Mas não pode ser só isso! Que sentido tem a vida se sou apenas simples matéria em transformação?”.

5. A morte como interrupção da vida

Oposta à idéia da transformação é a da interrupção. A morte é vista como ruptura, interrupção, corte. Ela vem interromper o curso de algo que vinha caminhando bem. Essa imagem emerge especialmente quando confrontados com casos de morte biologicamente prematura (acidente, homicídio, doença), ou seja, como diria o Rolando Boldrin, a morte “fora do combinado”. Ela denota o caráter repentino e imprevisível, inspira temor pelo seu elemento imponderável. O temor provocado por essa idéia é saudável, no sentido de que ajuda a avaliar mais sensatamente os riscos a que nos submetemos diariamente em nosso modo de vida.

6. A morte como fim fatal e trágico da vida

Quando não assumimos a responsabilidade pelos riscos, a morte como interrupção da vida adquire a feição do fim fatal e trágico, atribuído ao acaso, à fatalidade, ao “Deus quis” ou ao “era para ser assim”. Essa visão empresta à morte um aspecto de tragédia que se abate sobre uma vida que tinha tudo para dar certo.

7. A morte como a grande “provação”

A morte se afigura como a “provação” final e maior em busca da aprovação definitiva. A vida é concebida como uma série de “provas”, “exames”, pelos quais se tem de passar. Nessa série, a morte se apresenta como a derradeira a ser (inevitavelmente) enfrentada, independentemente de qual seja o objetivo a ser alcançado.

8. A morte como uma doença (ainda) incurável

A partir do imaginário médico, a morte se apresenta como uma doença a mais, ainda incurável, é verdade, mas cuja cura se está buscando com afinco. A morte se apresenta, pois, como desafio a ser vencido pela técnica, e o resultado do insucesso nessa tentativa são o desconsolo e a frustração que atingem o cerne da almejada onipotência médica. Trata-se aqui de um simples caso de definição da competência médica, que não inclui modificar a natureza do ser humano.

9. A morte como castigo

Muito freqüente é a idéia do castigo ou punição associada ao fato da morte. Podemos exemplificar isso de modo clássico com a pena de morte ainda aplicada legalmente em muitos países, mas também a partir da concepção mais prosaica de que a condição mortal do ser humano é decorrência de uma punição aplicada a ele por Deus em virtude do “pecado original” e da expulsão do paraíso.

10. A morte como perda

Geralmente as pessoas sentem a morte de alguém de suas relações como uma perda. A motivação para essa idéia surge do fato de se encarar as relações interpessoais como conquistas e atos de posse, assim como se encara a vida como conquista e posse pessoal. A morte (de outra pessoa) vem a usurpar minha posse, infligindo-me prejuízos e perdas irreparáveis, dos quais só a muito custo conseguirei me recuperar.

11. A morte como juntar-se aos antepassados

Vive ainda hoje a antiga idéia de que, após a morte, a pessoa passa a fazer parte de uma comunidade de falecidos que reúne a todos aqueles que já morreram dentro de uma linhagem familiar. Nessa comunidade, será possível reencontrar os “entes queridos” e ser reintegrado à comunidade familiar.

12. A morte como um adormecimento

A vida é comparada a um dia de atividades diversificadas e extenuantes, a morte com a noite de descanso reparador. Nesse contexto, o morrer se parece com um adormecimento tranqüilo e deixa em aberto a questão do despertar. Essa imagem transmite uma idéia positiva da morte e geralmente emerge em casos de vida longa e difícil que finda plena de realizações significativas.

13. A morte como a viagem definitiva

Essa imagem, que é semelhante à anterior, apresenta uma tonalidade mais positiva da morte, na medida em que transmite uma consciência maior da condição transitória, nômade e passageira da vida. A vida é vista como uma estadia em viagem, a morte como a partida definitiva, a última viagem para o lugar da morada eterna.

14. A morte como um novo nascimento

A morte é comparada ao nascimento para uma nova realidade, para uma nova existência. Estruturalmente há muitos paralelos entre o nascimento e a morte: a expectativa do que virá, o temor do desconhecido, a dor da passagem de uma condição para a outra. Nessa idéia do novo nascimento também a realidade para a qual se nasce é nova. A concepção bíblica do novo nascimento tem afinidade com essa idéia, na medida em que encara a morte como momento de concretização plena do novo nascimento ocorrido na fé. Trata-se, assim, de uma expectativa positiva em relação à morte, a despeito dos momentos de incerteza e dor envolvidos.

15. A morte como retorno à origem

Diferentemente da idéia anterior, essa imagem é cíclica e representa um retorno à condição que a pessoa tinha antes de nascer (quem morre retorna ao “pó”, à terra, à luz, às trevas). Falta aqui o elemento da novidade que gera a expectativa positiva. Essa idéia transmite uma postura de resignação com o ciclo biológico natural; o ser humano cumpre seus dias e se recolhe ao lugar de onde veio.

16. A morte como companheira

Muito difundida é a idéia da morte como companhia constante na vida, quer em termos de ameaça constante à vida, quer num sentido mais filosófico de consciência da morte. Ela é companheira tão fiel da vida que nem mesmo na morte as duas poderão se separar. “Quando nascemos já começamos a morrer”. Vida e morte estão intrinsecamente entrelaçadas.

17. A morte como coroação da vida

Temos aqui uma concepção mais rara: a morte como “fecho de ouro”, como culminância, coroação de uma carreira, de uma existência cheia de realizações e vivências memoráveis. Aplica-se essa imagem, via de regra, à morte de grandes personalidades, de heróis ou mártires que morrem por uma causa defendida durante suas vidas ou que no final de suas vidas podem olhar retrospectivamente para uma biografia memorável.

18. A morte como descanso da jornada

A vida como árdua labuta gera a imagem da morte como descanso, como férias merecidas em algum lugar aprazível, a morte como ócio ansiosamente esperado.

19. A morte como estado transitório (intervalo entre vidas)

Aliada à idéia filosófico-religiosa da dicotomia entre corpo e alma no ser humano, está a concepção de que há um elemento constante que não sofre a ação da morte, a saber, a alma. Isso leva à imagem da morte como um estado transitório, uma pausa, um intervalo entre vidas. A morte, na verdade, atinge só o aspecto corporal do ser humano e deixa preservado o aspecto espiritual. A idéia da imortalidade da alma é quase universalmente aceita, tanto no cristianismo como fora dele. Inclusive a concepção cristã da ressurreição é entendida em termos de imortalidade da alma. E com isso estaria resolvido o problema da morte, invertendo-se o dado empírico da transitoriedade da vida e da constância da morte: a condição permanente é a vida, a morte é apenas um momento transitório entre duas vidas.

Muitas outras imagens ou mesclas de imagens poderiam ser aqui aduzidas, todas elas muito interessantes. A lista apresentada poderia ser ainda sistematicamente aprofundada para maior consistência. No entanto, assim como estão, essas imagens ilustram bem a riqueza de possibilidades de que dispomos para lidar com esse tema que nos afeta existencialmente.

A tipologia de caráter intuitivo e empírico serve para efetuar uma avaliação dessas concepções a partir de um critério a ser estabelecido (felicidade, qualidade de vida, intimidação, esperança). Com isso, avançamos basicamente no sentido de obter clareza sobre nossas idéias, imagens, concepções a respeito da vida e, conseqüentemente, a respeito da morte. O procedimento proposto traz à tona as imagens inconscientes que norteiam a nossa vida e permite uma avaliação das mesmas nos seguintes termos: essas concepções ajudam a viver melhor, a ser feliz, a realizar minha existência, ou atrapalham esse processo? Bem entendido: a pergunta não é pelo sentido da vida, a questão não é “por que vivemos?”. A questão em pauta é: já que, pela graça de Deus, estamos vivos, como queremos viver nossa vida?

“Tudo que se quer é ser feliz”. Felicidade é um termo bastante ambíguo, mas sabemos quando estamos tendo a sensação de ou próxima da felicidade. É o que queremos na vida. *Não de qualquer jeito, mas com qualidade.* Há quem seja mais exigente e queira ser feliz com qualidade de vida, que queira ter vida em plenitude, em profusão, vida em abundância. Um passo importante para isso é determinar reflexivamente nossa postura em relação à morte. Por isso, é preciso tornar conscientes nossas concepções, avaliá-las pelo critério da “felicidade almejada” e visar à desconstrução do medo culturalmente inspirado frente ao fenômeno da morte. É preciso perguntar: esta determinada concepção ajuda ou atrapalha uma vida feliz?

Neste momento, não é possível proceder a uma avaliação completa de todas as concepções. Opto por finalizar com uma reflexão de princípio sobre a expectativa dominante da imortalidade da vida (ou da alma), uma expressão da inconformidade do ser humano com sua condição mortal, que permeia ou influencia toda e qualquer imagem que se tenha da morte no mundo ocidental.

IV. A ESPERANÇA DA IMORTALIDADE

“Ainda que a idéia da morte seja aterradora, viver por toda a eternidade sem nunca vir a morrer é ainda pior” (Anton Tchekhov). Poucos pensam assim. A maioria de nós, por diversas razões, não consegue viver com a idéia de que a vida seria “só” isto: viver seu quinhão de anos e depois desaparecer. “Não pode ser só isso; deve haver mais alguma coisa”. Mas, não tendo prova nenhuma disso, ingressamos no campo da fé e da esperança.

O conceito “imortalidade” surge como oposição à constatação da mortalidade como condição intrínseca do ser humano. Essa constatação não decorre simplesmente da observação da morte de pessoas ao nosso redor e da conseqüente dedução lógica para nós mesmos, mas da experiência da passagem do tempo. Esta não se impõe como um dado cronológico objetivo, mas como a verificação da passagem diária irreversível de uma condição para outra, da infância para a adolescência, desta para a idade adulta e desta para uma condição de idade avançada, que em algum momento desemboca na morte como ponto final da existência pessoal.

Em vista da constatação dessa condição mortal intrínseca, todo ser humano alimenta o desejo e a esperança de superá-la e atingir uma condição não mortal. Essa condição é, por definição, divina. Deus, sendo superior ao ser humano criado por Ele, distingue-se desse justamente pelo fato de não estar sujeito à influência da passagem do tempo e das transformações decorrentes dela. A Deus se atribui, portanto, a condição intrínseca da imortalidade, sem a qual Ele não poderia ser considerado como tal. Trata-se, portanto, de uma prerrogativa divina.

A idéia da imortalidade, enquanto anseio humano, visa, portanto, atingir uma condição divina, semelhante à divina. Sendo assim, ela dificilmente refere-se à pessoa como um todo, ou seja, às dimensões corporal e psíquica/espiritual. Já que à imortalidade de Deus associa-se geralmente a sua incorporeidade, também a imortalidade humana é

imaginada incorpórea, mormente atinente ao psíquico ou espiritual.

À idéia da imortalidade associa-se geralmente a idéia da vida eterna. O conceito “eterno”, como oposto de “transitório, efêmero”, está relacionado, neste caso, com a idéia do tempo cronológico, propondo uma visão em que “vida eterna” seria uma que jamais terá fim no tempo. A eternidade também é geralmente entendida como uma prerrogativa da natureza divina, ao lado da imortalidade e da incorporeidade. Trata-se, portanto, sempre de superar a condição humana natural e dar-lhe uma feição divina.

No âmbito da ciência, naturalmente se investiga meios de prolongar a vida corporal, na condição em que agora a temos, pelo maior tempo possível e, claro, se possível *ad infinitum*. Mas ela ainda não está em condições de responder ao desafio da imortalidade, ou seja, de dar forma a uma vida humana corporal que não esteja sujeita ao processo da transitoriedade e da finitude.

Por isso, a idéia da imortalidade geralmente subentende a da imortalidade da alma ou do espírito, não implicando diretamente a idéia de uma vida terrena sem fim na condição humana, ou seja, um ser humano que não tenha de passar pela experiência da morte física. A questão da imortalidade leva, assim, geralmente à pergunta pela existência de uma vida após a morte e pela forma que esta teria.

Procura-se avidamente por evidências científicas de uma existência após a morte física pessoal: relatos de aparições de pessoas falecidas, a psicofotografia, a gravação de vozes de pessoas falecidas, a reencarnação constatada pela hipnose, a terapia das vidas passadas, relatos de pessoas revivificadas e a idéia da ciência física de que nada desaparece, mas apenas modifica a forma de sua apresentação. Tais expedientes naturalmente não provam nem refutam a possibilidade da vida após a morte. Elas tampouco ajudam a determinar a possível condição concreta de uma vida após a morte.

Tudo o que se relaciona com essa questão e que ultrapassa o momento da morte física continua sendo e talvez sempre será primordialmente objeto da fé. Assim, a concepção de uma vida imortal após a vida mortal e para além do evento da morte pessoal é um objeto de fé quase universal. De uma ou de outra forma, essa idéia está presente em quase todas as religiões e crenças como um anseio e uma esperança.

Dois exemplos são clássicos:

A idéia da imortalidade da alma no espiritismo, que se manifesta pela reencarnação sucessiva da alma em diferentes corpos até atingir o estado

de alma pura que não mais está sujeita à existência corporal, chegando, assim, a uma condição divina.

A idéia cristã atual da imortalidade da alma com sua dupla destinação, uma para a alma crente, outra para a alma descrente. Esta para um modo de existência definida como “morte eterna”, aquela para um modo de existência definida como “vida eterna”. Haveria, portanto, uma morte definitiva e uma vida definitiva, e a destinação para elas dependeria da postura de fé adotada na existência atual. Essa idéia tem um grande número de nuances e variações, dependendo das confissões e influências contextuais recebidas e acolhidas. Em todo caso, a ouvidos cristãos atuais, independentemente da confissão, soa no mínimo estranho, se não herético, falar de um ser humano mortal em seu todo, ou seja, falar de uma “alma mortal”.

Essa concepção tão difundida baseia-se numa visão antropológica bi ou tripartite (corpo, alma/espírito) que se impôs na cultura ocidental, decorrente de uma determinada interpretação da concepção filosófica grega antiga, especialmente da platônica.

Em forte tensão com essa idéia generalizada de que o ser humano é imortal ao menos em parte e de que, sendo assim, não pode morrer totalmente, encontra-se a idéia predominante no judaísmo veterotestamentário e no cristianismo neotestamentário, de que o ser humano seria uma criatura mortal em seu todo e que sua esperança residiria na promessa divina da ressurreição como nova criação.

Justamente quem crê na imortalidade do ser humano ou de parte dele como dado antropológico não pode aceitar a idéia de uma ressurreição do ser humano como pessoa. Pois a ressurreição pressupõe a existência humana em seu todo na condição da mortalidade, da transitoriedade, da corporalidade indivisa. Portanto, o ser humano bíblico é criatura mortal; morrendo, ele morre radicalmente. Ele volta ao pó, de onde foi formado. Tão simples e concreta é a constatação do fim da vida humana. A única esperança do ser humano bíblico é o próprio Deus que o criou. Não existe nele, por si só, algo que por alguma razão pudesse sobreviver ao tempo de vida que Deus lhe destinou, a não ser que o próprio Deus quisesse lhe propiciar tal graça. E Deus o faz, tornando-se, Ele próprio, mortal em Jesus Cristo, assumindo a condição de ser humano integral, e acenando, com sua ressurreição, para a superação de condição mortal do ser humano.

A ressurreição é entendida como uma nova criação que pode ser apropriada já agora pela fé, mas que implica na morte radical da pessoa como um todo e sua recondução à vida pelo Deus Criador. A idéia da

ressurreição não faz sentido se o ser humano, ou alguma parte dele, não for passível de morrer. Nesse caso, sua imortalidade já estaria garantida pela sua própria natureza. Não assim no contexto bíblico, que assume a condição da mortalidade radical do ser humano e, na ressurreição, a sua revivificação radical.

Por isso, no NT, o anseio humano associado à ressurreição raramente é descrito com o termo “imortalidade” (1Co 15.53), sendo preferido o termo “vida (eterna)” (Mt 19.16,29; Mc 10.30; Lc 18.18; Jo 3.16; 5.24; 10.10; Rm 6.22s.; 2Co 5.4; *passim*). O termo “eterno”, no pano de fundo bíblico, não coincide com a compreensão atual do termo, relativa à infinitude temporal, mas diz respeito, em primeiro lugar, à qualidade da vida, à plenitude do objeto designado. Ademais, na visão neotestamentária, a ressurreição não implica incorporeidade da pessoa; ao contrário, deixa-se muito claro que se tem em mente sempre a ressurreição “da carne”, ou seja, da pessoa também na sua dimensão corporal. Com isso, torna-se totalmente inadequado falar da ressurreição da alma ou da imortalidade da alma.

Pelo fato de Cristo ter ressuscitado como pessoa toda, Ele deu à esperança humana um fundamento concreto e à fé cristã um ponto de apoio firme.

V. BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente : da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997. 2 v. (esp. v. II, p. 19-66: As atitudes perante a morte).

AUBERT, Jean-Marie. *E depois... vida ou nada? : ensaio sobre o além*. São Paulo: Paulus, 1995.

BOFF, Leonardo. *A ressurreição de Cristo - a nossa ressurreição na morte. A dimensão antropológica da esperança cristã*. Petrópolis: Vozes, 1973.

COMTE-SPONVILLE, André. Apresentação da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 47-53.

CULLMANN, Oscar. *La immortalidad del alma o la resurrección de los cuerpos? : el testimonio del Nuevo Testamento*. Madrid: Studium, 1970.

JÜNGEL, Eberhard. *Morte*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte*. Brasília : UnB, 1998. p. 77-108: A morte (esp. p. 97-108: Imagens da morte: na ideologia, na filosofia e na cultura)

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo : Nova Cultural, 1996 (Os Pensadores) (Livro I, cap. XX: De como filosofar é aprender a morrer [p. 92-105]; Livro II, cap. XIII: De como julgar a morte [p. 504-508]).

ROCHA, Zeferino. *A morte de Sócrates. Uma mensagem ética para nosso tempo*. Recife : Ed. Universitária UFPE, 1994.